



Mil-cores.



Brinco-de-princesa.



Flor-de-cesta.



Mussaenda.



Caladium.



Manacá.

Em Busca das Flores Perdidas

Magnólias, glicínias e as violetas reinavam absolutas nas décadas de 20 e 30.

Hoje estão quase esquecidas.

POR ISABEL DUPRAT

Um perfume de jasmim ao cair da tarde, uma camélia coberta de flores ou um buquê de violetas sobre a mesinha da sala; no terraço, um grande vaso de begônias de cachos cor-de-rosa e os melindres subindo na grade da janela... Vem constantemente junto com recordações da casa materna ou das tardes com a avó.

Nos bem cuidados jardins paulistanos das décadas de 20 e 30, a magnólia branca reinava absoluta com seu porte grandioso, ao lado das quaresmeiras, cássias e ligustruns.

O manacá tricolor, a camélia rosa e branca e o jasmim-do-imperador de forma vertical, flores miúdas, de perfume intenso, estavam sempre presentes. Os arbustos normalmente eram selecionados entre a esponjinha rosa e branca, o brinco-de-princesa, hibisco, abutilon, giesta, a budleia, a mil-cores, a gardênia ou o jasmim-do-cabo e a murta.

As roseiras eram enxertadas conforme a arte e o gosto do jardineiro português, às vezes de maneira amadora, até o surgimento da Roselândia, que colocou uma série de variedades no mercado e sistematizou a produção das espécies. As rosas iam das singelas até as quase gigantes, em arbustos ou trepadeiras e de diversas cores. Muitas vezes suas pétalas iam secar nas páginas de um livro, guardando um bom momento.

As hortênsias azuis e roxas, os copos-de-leite, a cana-da-índia, e as margaridas floresciam ao lado de angélicas, dalias, crisântemos, papoulas, cravinas e cravos anualmente replantados. O cravo branco enfeitava o fraque. O buquê de noiva, com botões de flor de laranjeira e camélia branca. Os

gerânios, nas jardineiras da janela sob o sol, eram colecionados por variedades de cores de flores singelas e dobradas. A violeta cheirosa, fazia a bordadura dos canteiros.

A brilhantina, a princípio muito utilizada, foi abolida das forrações quando se instituiu que dava azar e a avenca teve o mesmo destino quando começaram a acreditar que uma planta bonita era quase sempre um sinal de mulher traída. A grama preta, a hera de folha grande e a grama inglesa atapetavam o chão e nas pequenas áreas ensolaradas, muitas vezes, se plantava a grama variegata.

As casas eram enfeitadas com vasos de begônia de folhagem variada, malvas, colius, samambaias simples e crespas. A samambaia de metro ainda

não era conhecida. Os caladiuns encantavam pelo colorido variado de suas folhas, que somem no inverno e rebrotam no verão. As arecas eram quase únicas para os vasos de maior porte, nos jardins de inverno, halls, saguões de hotéis, casas de chá, ao lado de palmeiras de leque e raphis.

O tempo levou com ele algumas destas plantas que foram quase desaparecendo do novo convívio.

Serviço. São Paulo: *Bom Jardim, Plantas e Flores Ltda.*, Avenida Corifeu de Azevedo Marques, 1.739, tel.: (011) 814-6788; *Ceagesp*, Avenida Gastão Vidigal, 1.946, tel.: (011) 260-3366; *Chácara Santa Cecília*, Rua Ferreira Araújo, 601, tel.: (011) 813-4543; *Promoverde*, Avenida Eliseu de Almeida, 1.527, tel.: (011) 814-2522. Rio de Janeiro: *Burle Marx Cia. Ltda.*, Estrada da Barra de Guaratiba, 2.275, tel.: (021) 410-1235; *Florália*, Estrada da Figueira, 592, Niterói, tel.: (021) 719-5800.



Heliotropo.